

## **A Rádio dos Aficionados: Rádio DKi – A Voz do Juqueri e PRE-4 Rádio Cultura – A Voz do Espaço <sup>1</sup>**

Antonio Adami <sup>2</sup>  
Universidade Paulista

### **RESUMO**

Este artigo trata da história do rádio paulista, com foco na emissora Rádio DKi - A Voz do Juqueri, depois, PRE-4 Rádio Cultura a voz do espaço. O problema está em como se dá realmente a abertura da Rádio DKi, em que circunstâncias e quais as características da emissora. Busca-se aprofundar conhecimentos sobre a história do rádio em São Paulo, através de pesquisa qualitativa com procedimento de análise de textos, áudios históricos, inclusive com entrevistas. A teoria está centrada na história do rádio e a contribuição maior é trazer a público documentos escritos deixados pelo radialista Mauro Pires, que passou para o seu filho José Mauro Martins Pires, sobre as rádios paulistas.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Rádio DKi; Rádio Cultura; História do rádio; Rádio Paulista.

### **Introdução: contextualização do tema**

Este artigo trata da história do rádio paulista, com foco na emissora Rádio Dki - A voz do juqueri, depois, PRE-4 Rádio cultura - A voz do espaço e, finalmente, Rádio cultura. trata-se de uma emissora muito querida pelos paulistanos e paulistas, pois tem uma história muito rica e está no ar até hoje com programação de alta qualidade.

A Dki é fundada em 1933, mas é em 16 de junho de 1934 a data oficial de nascimento da rádio, quando passa a ser Rádio Cultura. Seus fundadores são Álvaro Macedo Jr., Dirceu Fontoura, Geraldo Macedo, Maurício Assunção, Nei Moreira, Nhô Totico e Olavo Fontoura. Entre 1933 e 1934, funciona de forma pirata, na verdade, a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – E-mail: antonioadami@uol.com.br

---

primeira rádio pirata que se tem notícia em São Paulo, e torna-se a ‘coqueluche’ do momento. Todos querem sintonizar a “estaçãozinha”, que entra e sai do ar sem qualquer aviso, sem uma grade de programação e sem um cast fixo. Estava instalada na garagem da residência do empresário farmacêutico Cândido Fontoura, na rua Padre João Manuel, 34 e posteriormente, na Av. Jabaquara, 2983. As loucuras da Rádio DKi são tamanhas que, procurados pela polícia, rapidamente legalizam a rádio. A partir daquele momento há um pouco mais de cuidado mas a impetuosidade juvenil continua sendo a marca registrada da emissora, inclusive no nome e no slogan: “Rádio Cultura – A voz do espaço”.

Em 1940, o empresário Paulo Machado de Carvalho (1901-1992) torna-se gestor da Cultura, que em 1953 iniciará outra fase sob o comando das organizações Victor Costa. Em 1959 é comprada por Assis Chateaubriand e passa a fazer parte de seu império de comunicação, onde estão os Diários Associados. Naquele momento a Cultura passa a fazer parte das Emissoras Associadas, deixando “O Palácio do Rádio”, para a “Cidade do Rádio”, de Chateau.

Em 1967 o prefixo passa para a Fundação Padre Anchieta, do Governo do Estado de São Paulo, onde está até hoje, e tem sede na rua Cenzo Sbrighi, 378, na água branca. É uma das precursoras das rádios FM, pelo segmento musical adotado na época, e líder na programação clássica e cultural, mas infelizmente a emissora fica constantemente sob intervenções políticas, o que a distancia de sua origem.

A fase em que pertence a Chateau é importante pois a Cultura passa a fazer parte de um império de mídia. Chateaubriand é o mais poderoso empresário de comunicação do Brasil, nos anos 1920, 1930, 1940 e 1950, com uma máquina de comunicação que só pode ser visto algo igual vinte ou trinta anos depois com o Grupo Globo de comunicação. Chateau é dono de um conglomerado que, para a época, não se tem até hoje sua dimensão, com 34 jornais, uma editora, 36 emissoras de rádio, 18 estações de TV e uma agência de notícias. Em sua editora publica-se grandes revistas, tais como O Cruzeiro, com a maior tiragem da América Latina, e A Cigarra. Chateau tem um projeto de poder e para conseguir isso, em 1924 compra o periódico O Jornal, do Rio de Janeiro. Percebe-se desde aqueles momentos da chegada do rádio, que Chateau já pensa em possuir emissoras em seu conglomerado de comunicação, é o caso da Rádio Cultura. Seu poder, na verdade, se amplia naquele momento porque filia-se e tem papel de destaque e liderança no Partido Aliança Liberal, e o seu periódico O jornal contribui para a vitória do movimento de

---

insurreição de 1930, que leva Getúlio Vargas ao poder. Sobre o assunto, escreve Chaia (sem data):

Na condição de proprietário de um jornal e líder de um partido político, contribui com a vitória. A expansão do conglomerado começou durante o Estado Novo (1937 – 1945), coincidindo com o apoio dado ao regime de exceção do então presidente Getúlio Vargas. Assim, em 1935 inaugura sua primeira emissora de rádio, a Tupi AM, popularmente conhecida como O Cacique no Ar. Em 1950, coloca no ar, em São Paulo, a primeira emissora de televisão da América Latina. No ano seguinte, ocorre a inauguração oficial da TV Tupi do Rio de Janeiro, com a presença do então presidente Eurico Gaspar Dutra. Foi a segunda emissora do Brasil. Esse é um dos feitos pelo qual Chateaubriand será sempre lembrado, embora tenha contribuído com outras realizações importantes, entre elas a fundação, em 1947, do Museu de Arte de São Paulo (MASP), com coleção de obras de grandes artistas, adquiridas na Europa do pós-guerra, graças à colaboração de Pietro Maria Bardi. Na condição de mecenas, deu oportunidade a escritores e artistas plásticos desconhecidos em sua época. Entre eles, Graça Aranha, Millôr Fernandes, Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Cândido Portinari.

Escrever sobre a Rádio Cultura nos coloca diante de personagens que construíram a história da comunicação de São Paulo e do Brasil, assim como Chateau, como empresário, os artistas, produtores, diretores, speakers, muitos tornaram a Cultura o que é hoje. Entre eles destacamos um genial radiohumorista.

### **Nhô Totico**

É na Cultura que surge um dos maiores nomes do rádio brasileiro, o humorista Nhô Totico, ao fazer diversos personagens na “Escolinha de Dona Aqueropita”. A história da Rádio Cultura se confunde com a de Nhô Totico. Em 23 de junho de 1934 ele lança o programa “Nhô Totico em Jerusalém”; em 26 de junho deste ano lança o programa noturno “DKi Aventuras de Nhô Totico”, com a Vila da Arrelia: o italiano Beppo Spacatutto, sua filha solteirona Caropita, o português Manuel, o sírio Salim Kemal Fizeu, o japonês Saymoto Kurakami e o brasileiro nordestino Trinta e Nove.

Um dos programas de grande sucesso da emissora é o “Programa da peneira”, apresentado por Renato Penafirme, que estreia em 14 de janeiro de 1937, com o *slogan* “Para todos aqueles que se julgarem possuidores de qualidades microfônicas”.

Em 8 de agosto, a emissora coloca no ar o programa humorístico com Nhô Totico e seu cão perdigueiro perseguindo a quadrilha de aço. Em 2 de janeiro de 1939 estreia o “Sítio de Dona Benta pelo espaço”, dirigido por Monteiro Lobato. Sobre Nhô Totico, escreve Fanucchi (2002-2003, p. 25):

Desde que começou a atuar, em 1933, Nhô Totico, com seu humor sem paralelo, conquistou rapidamente uma legião de ouvintes, não só na capital paulista como no estado e em boa parte do território nacional. Na época, era comum a recepção em ondas curtas,

até mesmo onde não havia rede elétrica, suprindo-se a falha com o uso de baterias de automóvel. A cobertura de grande alcance aumentava e diversificava a audiência de tal forma, que os artistas das principais emissoras, situadas nos grandes centros, ganhavam uma projeção comparável àquela desfrutada, hoje, pelos grandes nomes da televisão. Pois Nhô Totico era um ídolo desse porte, não só para as crianças, como para o público em geral. Mas, afinal, quem era e como surgiu esse tal Nhô Totico? Vital Fernandes da Silva – esse era seu nome verdadeiro – nasceu em Descalvado, estado de São Paulo, em 1903, filho de pai baiano e mãe italiana. “João Baiano”, como era apelidado seu pai, assim que desembarcou na Estação da Luz, na capital paulista, dirigiu-se à bilheteria e pediu uma passagem para “o fim da linha”. O funcionário entendeu que tal lugar era Descalvado, e lá foi parar “João Baiano”.

Conta Mário Fanucchi, um aficionado do rádio, e sem dúvida quem mais aprofunda pesquisas sobre Nhô Totico no Brasil, que o pai de Nhô Totico se casa na cidade do “fim da linha”, Descalvado, com uma jovem nascida na Itália, em Milão. A família primeiro vai morar com os pais no Rio Grande do Sul e depois mudam-se para o Interior de São Paulo. João Baiano é um músico excelente e toca vários instrumentos, principalmente a clarineta. Ele toca com alguns músicos e acompanha a exibição dos filmes mudos, além disso faz os ruídos sonoros, atrás da tela, para os filmes, inclusive passa então a ser sócio desse cinema local. Filho do maestro, Vital ou Nhô Totico, com quatro anos já imita um equilibrista, em festas caseiras, na corda bamba, enquanto o pai toca música circense com sua clarineta. O tempo passa e já em São Paulo, o estudante de direito e radialista por longo tempo Enéas Machado de Assis é quem o leva para a Rádio Cultura para um teste, isso porque Nhô Totico já convivia com os estudantes do largo São Francisco com verdadeiros shows de humorismo. Escreve Fanucchi (2002-2003, p. 26):

Nhô Totico pergunta ao diretor o que deveria fazer, e este responde: “O mesmo que você faz para os estudantes”. Conclui que o diretor não entendia nada de rádio, pois se ele repetisse ao microfone as brincadeiras habituais, em que costumava desancar Getúlio Vargas, a rádio fatalmente seria fechada. Vai, então, para o microfone e improvisa um teatrinho, interpretando todos os papéis. Não mexe diretamente com política, mas brinca com os imigrantes que constituem boa parcela da população. E foi com essa demonstração, diretamente no ar, que ele conseguiu seu primeiro contrato. Desse dia em diante, durante três décadas, repetindo a fórmula usada no teste, ele criou as histórias e viveu os personagens da “Escolinha de D. Olinda” e “XPTO, Vila de Santo Antônio da Arrelia”, ou, simplificando, “Vila da Arrelia” – o primeiro, um programa dirigido às crianças; o segundo, feito para o público adulto. Do começo ao fim de sua longa carreira, Nhô Totico fez do humor inteligente sua principal característica. Jamais recorreu a preconceitos ou empregou expressões grosseiras, com a intenção de chocar ou provocar riso fácil.

### **Nicolau Tuma**

Em janeiro de 1938, a Rádio Cultura apresenta um dos seus principais programas, o Jornal Falado “A voz do espaço”, locução de Nicolau Tuma, um sucesso da época.

---

Tuma é desses grandes nomes do rádio brasileiro, homenageado por todos aqueles que construíram ou estudaram e estudam o rádio. Advogado, jornalista, narrador esportivo e político, nasce em Jundiaí, em 19 de janeiro de 1911 e falece em São Paulo aos 95 anos de idade, em 11 de fevereiro de 2006. Ele é considerado o primeiro narrador esportivo – narração como é conhecida hoje - da história do rádio Brasileiro, tendo criado um estilo muito próprio de narrar: o lance em cima da jogada. Começa como repórter policial no início do rádio, até vencer um concurso para ser locutor, isso na Sociedade Rádio Educadora Paulista, em 1929, aos 18 anos. É em 19 de Julho de 1931, quando da narração da primeira partida transmitida integralmente de jogo de futebol, que tem a ideia da transmissão lance a lance, pois até então, as transmissões do futebol são apenas boletins informando os principais lances dos jogos. Antes do jogo começar, Tuma vai aos vestiários do campo do Floresta, no bairro da Ponte Grande, para ver e reconhecer os atletas quando da narração de São Paulo e Paraná, pois à época os uniformes não tinham números nas costas. A narração é um sucesso, amplificada no Vale do Anhangabaú pela Confeitaria Mimi, que pôs alto-falantes para reproduzir a transmissão. Tuma narra com detalhes e muito rápido todo o jogo, e é isso que o torna o "speaker metralhadora".

É difícil escrever sobre Nicolau Tuma, dada sua importância para o rádio paulista e brasileiro, pois nunca conseguiremos dar conta, em texto, do trabalho desse pioneiro. Aliás, Tuma é também criador do termo radialista, exatamente durante sua passagem pela Educadora, sua grande escola. Posteriormente trabalha também em outras emissoras, inclusive na poderosa Rádio Record de São Paulo, de Paulo Machado de Carvalho. Segundo ele próprio em entrevista a José Mauro Martins Pires, que teve a honra de orientar, comenta que estando em um congresso de rádio no Rio de Janeiro, quando ele se refere aos funcionários do rádio como radialistas, é inquirido a explicar tal termo, pois segundo este senhor não havia o termo no dicionário de língua portuguesa. É então que Nicolau Tuma justifica dizendo que radi viria de rádio, e alista de idealista, o que retratava bem o profissional de rádio. O termo se populariza no mesmo instante.

Voltando à cronologia da Rádio Cultura – A voz do espaço, é em 4 de março de 1939 que a emissora inaugura os novos estúdios na Av. São João, 1285, local que fica conhecido como ‘O palácio do rádio’. Finalmente a emissora chega ao topo, cumprindo seus objetivos desde o início, ser um diferencial na programação radiofônica do Estado, com criatividade e talento. O palácio do rádio da PRE-4 é finíssimo, com ar condicionado, iluminação equilibrada, teatro para plateia com 400 lugares e, de forma moderna e

---

inovadora para a época, permite contato direto entre artistas e fãs. Aliás, o rádio deve muito às revistas especializadas e estas ao rádio, pois um é vetor de desenvolvimento do outro.

### **Problema da pesquisa**

O problema da pesquisa centra-se nas circunstâncias por que passa e quais são as características dessa emissora pioneira de São Paulo, por exemplo, como se constitui as grades de programação e como compor um casting capaz de dar conta de uma emissora que se propõe a ter liderança e ser um grande centro de entretenimento e informação na cidade, mas tendo como principal característica o radiohumorismo, a criatividade e a inventividade. Nesta perspectiva, nos interessa responder como se dá realmente a abertura da Rádio DKi, quais as características da Rádio, isto porque um debate bastante controverso que tem surgido na área de comunicação, é que há uma proliferação de erros na internet sobre a história do rádio, ambiente profícuo para este fim. Com a proliferação, torna-se raro encontrar material novo publicado com rigor científico sobre o campo e com dados fidedignos, daí buscamos responder estas questões com uma pesquisa que tenha como método fontes documentais e memoriais e, também, através da história oral, buscando aprofundar entendimento para as lacunas existentes sobre o campo, neste tipo particular de pesquisa. Cabe ressaltar que utilizamos neste artigo os verbos no presente, como uma atualização do texto. Trata-se de um recurso discursivo e estilístico no sentido de que a história do rádio e da rádio Dki analisada se perpetua.

### **Objetivos**

O porque se deseja fazer este estudo e o que se pretende com ele, na verdade, dada a carência de material publicado com rigor científico sobre o tema, particularmente sobre as rádios pioneiras, pretende-se analisar a história da Rádio Dki, buscando aprofundar conhecimentos sobre a história do rádio em São Paulo, este meio que oficialmente fez 100 anos, em 2022, e, em São Paulo fará 100 anos em 2023, sendo a primeira emissora a SQIG Sociedade Rádio Educadora Paulista, fundada em 30 de novembro de 1923. Pretendemos ainda buscar entender melhor o viés humorístico, musical e informativo que a Rádio DKi assume, pois também há pouquíssimo material sobre este assunto. Pretendemos também evoluir conhecimentos sobre um dos maiores radiohumoristas da

---

história do rádio do Brasil, Nhô Totico e um dos maiores nomes do rádio brasileiro, Nicolau Tuma, speaker da Cultura.

### **Metodologia**

Sobre a metodologia, trata-se de pesquisa qualitativa com procedimento de análise de textos, áudios históricos, inclusive com entrevistas. Para as entrevistas, a História Oral responde aos interesses da pesquisa, pois essa metodologia tem a finalidade de, a partir de gravações, registrar as experiências de pessoas que viveram, em sua trajetória pessoal, fatos históricos relacionados à rádio analisada e a história do rádio paulista. A metodologia de pesquisa para dar conta dos objetivos propostos, parte da análise de fontes primárias memoriais, deixadas pelo radialista Mauro Pires, e entrevistas realizadas com José Mauro Martins Pires, Mário Fannuchi, entre outros.

### **Fundamentação teórica**

A fundamentação teórica se baseia principalmente em Briggs e Burke (2006), Moura e Nigri (2002), Bosi (2007), Figueiredo (2022), Alberti (2013), Dalla Costa (2020), Halbwachs (1990), Baca Martín (2005), Pires (2000), Pousa e Yaguana (2013), entre outros. Como contribuições da pesquisa, primeiramente esclarecemos que os dados colhidos se deram através da análise de documentos escritos deixados pelo radialista Mauro Pires, que passou para o seu filho José Mauro Martins Pires. Portanto utilizamos as fontes primárias, memorialistas, escritas e fonte oral. O interessante aí é que antes do livro “O Rádio com Sotaque Paulista”, de nossa autoria, pouco se escreveu sobre as emissoras pioneiras de São Paulo, pois praticamente não há documentação ou áudios que tratem do tema. Nesse sentido, Mauro Pires vive a história do rádio e documenta em textos escritos esta incrível história. Ele se dá ao trabalho de escrever minuciosamente a história das rádios de São Paulo, capital, litoral e interior, desde o início dos anos 1920, até os anos 1950. Escreve sobre a abertura de novas emissoras ano a ano, durante quatro décadas, trabalho que não existe antes da publicação do livro citado, de nossa autoria. Além disso, documenta as programações mais importantes das emissoras, trazendo as grades organizadas por data, juntamente com os grandes nomes do rádio que estão presentes em várias emissoras, particularmente na Rádio DKi, e suas peculiaridades. Entre estes nomes está o de Nhô Totico, Nicolau Tuma, Renato Penafirme, entre outros.

---

Grandes orquestras, grandes obras, grandes momentos, tudo isso passa pela pioneira Rádio DKi, depois Rádio Cultura a Voz do Espaço, e depois, Rádio Cultura.

### **Conclusão**

Uma conclusão a que chegamos é que quando a emissora surge, trata-se de uma brincadeira entre amigos, mas quando estes amigos percebem o que têm em mãos, tratam de legalizá-la, e quando fazem isso, é interessante que não perdem a criatividade e continuam a produzir de forma inventiva, sua programação. Investem muito forte no radiohumorismo, com o inigualável Nhô Totico; investem também na narração lance a lance, com Nicolau Tuma, o Speaker Metralhadora etc. Portanto, a rádio não perde a ousadia juvenil, a criatividade e a produção radiofônica com talento. Utiliza seu potencial criativo em vários gêneros de produção e faz o que sabe fazer melhor, ou seja, uma rádio de ideias, uma rádio diferenciada, explorando mais o humorismo, a narração do futebol lance a lance, com Romeu Tuma, que também apresentava o radiojornalismo, com o Jornal Falado - A voz do espaço. Assim, percebemos que a legalização da rádio não a torna subserviente ao poder instituído ou ser igual às demais rádios importantes do Estado de São Paulo, ao contrário, continua com seu potencial criativo e inovador, como uma das mais distintas entre as demais emissoras do Estado, mais criativas emissoras paulistas daqueles anos de 1920-1930. Ainda sobre a contribuição que esta pesquisa deixa para a área, achamos impressionante o fato de José Mauro Pires, apaixonado pelo rádio e com programas importantes em emissoras paulistas, ter deixado documentos escritos tão precisos e de grande valor histórico, pois não havia publicações com dados corretos até 2014, quando do lançamento do livro *O Rádio com Sotaque Paulista*, de nossa autoria. Portanto, este artigo proposto ao 46º Intercom, na PUC Minas, traz a continuidade desses estudos publicados anteriormente, direcionando o foco para a incrível Rádio Dki A voz do Juqueri, com aprofundamento da análise. Enfim, José Mauro Pires é realmente um ícone da história do rádio no Estado, como grande historiador do meio.

### **REFERÊNCIAS**

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

BACA MARTÍN, J.A. **La comunicación sonora** – Singularidad y Caracterización de los procesos auditivos. Madrid: Ed. Biblioteca Nueva, 2005.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRIGGS, A. BURKE, P. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CHAIA, V.L.M. **Lideranças Políticas: Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo**. São Paulo: NEAMP-PUCSP, sem data. Acesso: 02 ago. 2023.

<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-de-assis-chateaubriand-bandeira-de-melo>.

DALLA COSTA, R. M. C. **História social dos meios de comunicação**. Curitiba-PR: Intersaberes, 2020.

DURÁN, M.V.C.; PULIDO, M.P. (Org.). Metodologías y experiencias de investigación en comunicación e información. **Cuadernos Artesanos de Comunicación/163**. Tenerife: Sociedad Latina de Comunicación Social, 2019. Disponível em: <http://www.cuadernosartesanos.org/2020/cac163.pdf>. Acesso: 26 mai. 2023.

FANUCCHI, M. **Mário Fanucchi**: depoimento [mai. 2013]. Entrevistador A. Adami. São Paulo: 2013. Vários cassetes sonoros. Entrevista concedida para escrita de livro.

\_\_\_\_\_. **O artista de rádio**. Revista USP 56. São Paulo, 2002-2003.

FERRARETTO, L.A. Rádio no Brasil – Histórias a serem contadas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, vol. 17, n. 2, p. 1-21, 2020.

FERREIRA, M. M. **Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo**. Rio de Janeiro: FGV CPDOC, 2009. <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-de-assis-chateaubriand-bandeira-de-melo>. Acesso: 10 ago. 2023.

FIGUEIREDO, C.G. História Oral e Memória: significados e importância para a valorização das identidades e dos lugares. **Revista Casa D'Italia**. Juiz de Fora. Ano 3, n. 19, 2022.

FILHO, P.M.C. **Paulo Machado de Carvalho Filho**: depoimento [fev.2000]. Entrevistadores A. Adami e J. Mauro Martins Pires. Fitas de vídeo e áudio. Entrevista concedida para a escrita de capítulo do livro *Mãos que Fizeram São Paulo*.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MARANHÃO FILHO, L. **Raízes do rádio**. Olinda: Ed. do organizador, 2012.

MARTÍN, J.A.B. **La comunicación sonora**. Singularidad y caracterización de los procesos auditivos. Madrid: Biblioteca Nueva: 2005.

MOURA, F.; NIGRI, A. **Adoniran se o senhor não tá lembrado**. São Paulo: Boitempo, 2002.

OLIVEIRA, J.C. **100 anos do rádio**: pioneiros e primeiras transmissões. Rádio Câmara dos Deputados. Brasília: 01 de abril de 2019. Acesso em 05 de março de 2023. <https://bit.ly/40o85Rw>

PIRES, J.M.M. **O resgate da história do rádio paulista AM – até anos 1960.** \_\_\_\_\_  
Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **José Mauro Martins Pires.** Depoimentos [jun. 2012]. Entrevistador A.  
Adami. São Paulo: 2014. Vários registros sonoros. Entrevistas concedidas para escrita de livro e  
artigos.

PIRES, J. M. Escritos [mai. 2007]. **Vários documentos escritos.** Material para escrita de livro.  
São Paulo.

POUSA, X.R.; YAGUANA, H.A. **La radio, un medio en evolución.** Salamanca:  
Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013.

SANDE, M.F. **Los Orígenes de la Radio en España.** Madrid: Fragua, 2005.

SPERBER, G. B. (org.) **Introdução à peça radiofônica.** São Paulo: EPU, 1980.

TOTA, A.P. **A locomotiva no ar.** Análise de O Estado de S. Paulo, edição do dia 20 de agosto  
de 1924, pg.03. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

VANNUCCHI, M. A.; LUCIANO, A. B. **A Era Vargas (1930-1945).** Porto Alegre: PUC RS,  
2021.